

Um *think tank* na área do património

O “primeiro produto” da nova Cátedra da UNESCO ‘Diálogo Intercultural em Patrimónios de Influência Portuguesa’, da Universidade de Coimbra (UC), vai ser apresentado publicamente sob a forma de um livro e de uma exposição, a 25 de junho, na cidade da região centro de Portugal, três dias depois da sua instituição formal, segundo o titular da Cátedra, o arquiteto e professor Walter Rossa.

Livro e exposição – esta última será depois levada a Lisboa e Maputo – apresentam os resultados de uma intervenção dos investigadores da Cátedra na Ilha de Moçambique, que é um de dois projetos em que está envolvida na primeira capital de Moçambique e que dão corpo àquela que é uma das suas principais orientações de trabalho – a cooperação para o desenvolvimento.

O primeiro projeto decorre de uma parceria com a Universidade Lúrio, uma das três universidades públicas de Moçambique, que tem sede na cidade de Nampula, no centro norte daquele país africano, e que tem incluído no território da província do mesmo nome a cidade da Ilha de Moçambique.

O projeto prende-se com a criação no âmbito da universidade moçambicana – de que é reitor Francisco Noa, professor de literatura, ensaísta e colaborador do Centro de Estudos Sociais da UC – de uma Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, que terá a sua sede na Ilha de Moçambique.

A UniLúrio, como é conhecida, é uma instituição com vários núcleos e Walter Rossa e outros docentes da UC têm estado a colaborar com a universidade moçambicana na Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico, nomeadamente no Mestrado em Desenvolvimento do Território e Gestão Urbana.

“Em vez de investirem em residências, em edifi-



cios novos, para a Faculdade”, lançaram ao reitor da UniLúrio o desafio de “refletir numa forma de criar um movimento integrado, de aplicar as lógicas da conservação integrada na Ilha”, explica Walter Rossa. Isto porque “a ilha foi classificada em 1991 como Património da Humanidade e está, desde 1991, ‘sentada’ à espera do desenvolvimento e o desenvolvimento não chega, não há maneira...”

O que é que foi feito? Estudantes e professores portugueses e moçambicanos das duas universidades organizaram em julho passado, durante duas semanas, na ilha, uma oficina de trabalho – batizada ‘oficina de Muhipiti’, o nome da Ilha de Moçambique em macua, a língua local –, para “ver se a universidade se constitui como um modelo de desenvolvimento para a ilha”.

No dizer de Walter Rossa, a instalação da Universidade na ilha vai gerar alojamento, comércio, transportes e outras necessidades. E a proposta que acabou por ser formulada foi de “fomentar junto da cidade do macuti, [o bairro de construções tradicionais, por oposição à parte monumental da cidade] a ideia de que se cada uma daquelas famílias alojar um estudante – fizer uma pequenina adaptação na casa e melhorar as condições da casa – consegue encontrar uma pequena forma de rendimento que pode fazer a diferença no orçamento”. “Criou-se o movimento e o

conjunto de ideias que agora – deixámos uma exposição provisória dos resultados – estamos a ultimar”.

O segundo projeto, que Walter Rossa descreve como a sua “menina dos olhos neste momento”, é a abertura na ilha de um mestrado em património e desenvolvimento, que terá professores das universidades *Eduardo Mondlane* e de Coimbra. “Está tudo criado, faltam-nos os alunos”. Vinte pelo menos, dispostos a todos os fins de semana se deslocarem à ilha para ter aulas.

A ideia é que os mestrandos, nas suas teses, abordem a ilha na perspetiva de que “o património é um ativo, que só faz sentido enquanto património, quando puder ser desenvolvido por forma a que a população viva melhor”.

No dizer do titular da Cátedra da UNESCO, nas discussões já havidas conseguiu inverter “a ideia de que ilha tem que se estruturar para o turismo”. “A ideia é esta: nós temos de fazer com que a ilha seja um local com muito boas condições para as pessoas que lá vivem, e isso é que atrai o turismo. Portanto, a ideia é ao contrário”.

E por que é que é a “menina dos olhos” de Walter Rossa? “Os assistentes que lá tivermos, que são da UniLúrio, ao mesmo tempo que são nossos assistentes, estarão a fazer o doutoramento connosco. É um mestrado que permitirá a formação dos mestres e a formação dos assistentes, de forma a que eles fiquem autónomos em 4 ou 5 anos”. E conclui: “é o verdadeiro segredo de uma intervenção integrada”.

Ainda na área da cooperação para o desenvolvimento, a Cátedra na sua anterior designação de projeto de ‘Doutoramento em Patrimónios de Influência Portuguesa’, participou em 2017 numa ação da Fundação Calouste Gulbenkian de formação para técnicos na área da cultura e do património dos PALOP, esteve envolvida na rede de museus de Cabo Verde e contribuiu para o projeto de inscrição do corredor do Cuanza na lista de Património da Humanidade, desenvolvido pelas autoridades angolanas. “A nossa ideia, no fundo, é a de sermos um *think tank* nesta área”.